

____MANUELA VASCONCELOS____

A P E D R A

COMUNHÃO _ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA_

A PEDRA

- Amas-me? Como me amas?
Por três vezes, a Pedro perguntou
Jesus, e a resposta ficou
Com a simplicidade
Da sua própria condição:
- Amo-vos, com todo o coração!

*

- Quantas vezes, perguntou ele, quantas vezes meu irmão terá que pecar contra mim, para que eu o perdoe?

De outra vez, quando Jesus o convidou a segui-lo até ao monte Talbor, a sua ingenuidade manifesta também ali, levou-o a oferecer-se a Jesus para fazer três tendas onde se recolheriam, para a passagem da noite, Jesus, Elias e Moisés!

Noutra ocasião, pede também a Jesus, vendo-o caminhar sobre as águas, que o ajude a fazer o mesmo... para logo depois começar a afundar-se, quando a falta de segurança em si próprio o faz perder o equilíbrio necessário para se manter firme, na sua mediunidade – dom que ele ignorava possuir!

*

Simão Bar Jonas, ou Simão, filho de Jonas, irmão de André - colaborador de João o Batista, conforme os evangelistas - foi o segundo pescador que Jesus aliciou para a sua companhia – para se tornar pescador de homens! Estudiosos da figura do grande pescador afirmam que terá sido o primeiro a quem Jesus fez o convite... mas, primeiro, segundo, ou o último, o importante foi que Pedro – talvez não tanto pela fé, mas pela simpatia, segurança, ou principalmente pelo magnetismo que sentiam todos os que olhavam Jesus – o importante foi que Pedro O seguiu.

Mais tarde, bastantes meses decorridos, quando Jesus reunira já o grupo apostólico, sem se compreender bem a razão da atitude, para a qual não se encontra qualquer justificação, todos se afastaram durante umas semanas, voltando, depois, não só para não mais deixarem o Divino Amigo como para assumirem o “papel” que Jesus lhes determinara. Foi como se Jesus os deixasse afastarem-se, dentro da liberdade de cada um, para que pensassem maduramente no futuro e no que queriam, realmente, fazer! E eles todos, com o seu regresso, declararam silenciosamente, que O queriam seguir! O caminho era com Ele!

Simples, confiante, ingênuo, aceitando o divino Amigo como o Mestre, mas duvidando de si próprio, Pedro reconhecerá, depois, o quanto se desconhecia, o quão pouco sabia de si mesmo! E quando Jesus lhe afirma que antes que o galo cante, ele o terá negado três vezes, investe contra o Companheiro que se habituara a seguir, porque sentia que era com Ele que

a sua vida tinha sentido. Entretanto, depois da prisão do divino Amigo, ele esconde-se, nega-O, não por medo de ser preso mas do sofrimento... (Alguém escreveu um dia, que o medo é apenas uma consequência da falta de coragem para enfrentar seja que situação for!).

E, no entanto, quando Jesus lhe muda o nome dizendo-lhe que se passará a chamar Pedro – Cefas - e que ele será a pedra sobre a qual se firmarão as fundações da sua Igreja, mais uma vez ele não compreende o que o Companheiro lhe diz. Como pode ser ele a pedra, como poderá ele, simples, ignorante, ainda ontem apenas um pobre pescador, como poderá ele vir a fundar uma Igreja?! E, ainda aqui, o pescador não percebe, como não o percebem os que assistem àquele momento, que a Igreja a que Jesus se refere não é um edifício de pedra, maior ou menor, com mais ou menos arrebiques, mas o responsável pela continuação e transmissão do ensino que Ele estava a distribuir pelos apóstolos e pelo povo, e que teria de continuar para além d’Ele – Caminho da Verdade e da Vida! Ele seria o chefe com quem todos discutiriam as ideias que fossem surgindo para levar mais longe a palavra crística... ele seria o exemplo em que todos reparariam, para se modificarem e seguirem os ensinamentos da Boa Nova! Ele seria “**a ponte**” entre o “antes” e “o depois” do Divino Amigo!

Esta afirmativa de Jesus : *Tu és Pedro (pedra) e sobre esta pedra edificarei a minha igreja* (Mts., XVI : 17, 18), segundo Huberto Rohden, escritor espiritualista, muitos rios de tinta tem feito correr, porquanto os grandes intérpretes da Bíblia e das palavras do Divino Amigo esclarecem (e entre eles Agostinho) – ou teimam, se preferirmos -, que a “**pedra**” é Jesus e os seus próprios ensinamentos; Pedro seria, a partir daquela afirmativa do Messias, o povo cristão, ou melhor, o seu representante. (Jesus o Nazareno, ed. Afiliada, páginas 194/195).

Perguntou Jesus: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Respondeu ele, dizendo: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: apascenta os meus cordeiros... apascenta as minhas ovelhas. Na pessoa única de Pedro vinha figurada a unidade de todos os pastores, isto é, os bons, os que sabiam apascentar para Cristo as ovelhas de Cristo, e não para si mesmos.

Será que Pedro mentiu ao dizer que amava ao Senhor? Não, ele falava verdade ao dizer isto, porque respondia o que via em seu coração... A pedra fizera a Pedro verdadeiro. A pedra, porém, era o Cristo. (1 Coríntios, 10, 4).

No livro PEDRO DE BETSAIDA, de Celso Aloísio S. Barbosa, o autor comenta no sub-capítulo 2 “A Pedra e as Pedras: Interpretações Gerais de Mateus, XVI:18:

Sabe-se que até ao século quinto, particularmente na pessoa de Leão I, ninguém tinha atribuído o ‘primado’ ou a ‘chefia’ de Pedro sobre o grupo de apóstolos e muito menos sobre a Igreja. Leão I foi quem criou essa imagem, vivificando o inexistente numa projecção de cinco séculos no passado. Através da sua influência de poder, conseguiu a promulgação, por parte do Imperador do Ocidente, por meio de um édito, ordenando a todos que obedecessem ao bispo de Roma. Pedro passava, assim, para a história, como ‘chefe geral da Igreja’, através de um decreto. Na realidade, nunca o fora, de facto.

Sabe-se, também, que foi Leão I quem, na história, primeiro atribuiu a Pedro a expressão de Jesus : “sobre esta pedra edificarei a minha igreja” – Mateus, XVI:18 – no sentido de ser Pedro a fundação básica sobre a qual se apoiou o cristianismo.

E, mais à frente, continua Aloísio Barbosa: *“Assim, a teologia evangélica, mesmo atribuindo, através de alguns estudiosos, a referência de Jesus, em Mateus XVI:18, a Pedro – “sobre esta pedra edificarei a minha Igreja “ – fá-lo reconhecendo que Jesus não se referia a Pedro, como pedra fundamental, basilar, sobre a qual se iria apoiar a Igreja, em sua edificação. Entende, simplesmente, que Pedro foi uma pedra importante, a primeira talvez, e que se juntou a tantas outras no erguimento da Igreja.*

*Há, portanto, na construção espiritual da Igreja, a **Pedra** fundamental – Jesus Cristo – e as **pedras** secundárias – todos os cristãos redimidos pelo precioso sangue do Salvador dos homens, que O aceitam como tal. Entre estas **pedras** se encontra o grande Pedro.*

O autor continua, ainda, a estender-se em análises que vão da primeira à sexta interpretação, todas elas, entretanto, concluindo, da mesma maneira, que Pedro não é a **pedra** mas uma das **pedras**, que tem por edificador principal o próprio Jesus, o Cristo!

Assim, juntando as palavras anteriores de Jesus a uma outra Sua afirmativa, quando adverte que *“tudo passará mas as minhas palavras ficarão”*, concluiremos que, estas, como que estão na continuidade das outras, nas quais Ele estabelece, para Pedro, o que o apóstolo deverá fazer mais tarde.

Então, estudando as palavras de Jesus e os Evangelhos aprovados por Roma, vemos aqui, mais uma vez, uma alteração aos ensinamentos dos Evangelhos codificados pelos Apóstolos, neste caso sobre a figura de Pedro – para que os cristãos que forem surgindo, ao longo dos séculos, vejam no apóstolo o dedo do Divino Amigo a apontar-lhe, não só o caminho, mas aquilo que Ele queria que todos nele vissem! E, com esta descrição, nós aprendemos que Pedro aceita, talvez sem perceber bem o que está a fazer naquele instante - mas se o Senhor lhe diz para fazer, ele faz! E vemos que esta é a atitude que assume sempre, meio em adoração, meio em ignorância, num certo fanatismo afinal de quem aceita sem pensar, não questionando nem questionando-se do porquê das coisas acontecerem.

*

Mas, vamos continuar a falar de Pedro como se não tivesse havido nenhuma adulteração aos evangelhos e se tudo o que chegou até nós tivesse sido, realmente, como aconteceu.

*

Muito depois da morte do Divino Amigo, quando se desloca ao Templo na companhia de um dos outros apóstolos, Pedro é interpolado por um deficiente, que lhe pede esmola e a quem responde:

- Não tenho nem ouro nem prata para vos dar – mas com o amor que sinto e que me vem de Jesus, eu te ordeno que te levantes e caminhes, porque estás curado!

Esta a manifestação de fé que o faz viver e na qual ele se apoia; e escutando-o, o outro levanta-se, atirando para longe as muletas, e anda e caminha e salta, tal a sua alegria pelo

que sente! O pobre não percebe mais nada a não ser a cura acabada de acontecer; o outro, que lha deu em nome de Jesus, ignora como as coisas acontecem: sabe apenas que, de cada vez que invoca o nome do Companheiro querido e desaparecido, o que ele deseja que aconteça, sempre se realiza!... e é tão grande, tão intenso o seu magnetismo, que quando o povo sabia das ruas por onde ele iria passar, levava os seus doentes para a berma das estradas, para que a sombra do apóstolo, incidindo sobre eles, os curasse.(ATOS, cap. V: 15).

As curas que ele e os outros apóstolos fazem, em nome de Deus e de Jesus levam-nos à prisão por diversas vezes, e são julgados no Sinédrio; aqui, sendo proibidos de curarem em nome de Jesus, rejeitam a proibição, perguntando aos sacerdotes e juízes:

- *“Julgai vós outros se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido.”* (Atos, IV: 19 e 20).

- *“Não havendo motivo para os continuarem a reter ou castigar, deixaram-nos ir, por causa do povo; porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera.”*(Atos, IV: 21)

Mas as curas continuavam a acontecer, directas ou indirectas, de tal modo que as pessoas *“transportavam os enfermos para as ruas e os punham em leitos e em camilhas para que, ao menos, a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles”*. (Atos, V: 15).

... e o amor de Jesus foi sempre o aliciante a orientar-lhe os passos, a incentivá-lo, a fazê-lo crescer... transformando a pedra no rochedo, base do comportamento e firmeza de todos os seus companheiros. O amor, esse levá-lo-à a pedir mais tarde, ao algoz que, cumprindo ordens do governo romano, se prepara para o crucificar:

- Ponham-me de cabeça para baixo, porque sou indigno de morrer de maneira idêntica à de Jesus, quando o mataram!

Muitos anos haviam já passado desde a época fatídica em que, por três vezes, negara conhecer e acompanhar o Divino Amigo! Agora... agora reconhecia a sua “pequenez” perante a grandeza daquele que o chamara para ser pescador de homens!

*

Simão bar Jonas era um pescador simples e humilde que, com seu irmão André, lançava as redes nas águas da Galileia, sustentando-se, assim, e à sua família, e fazendo do pescado o negócio do dia a dia. Segundo Celso Barbosa e William T. Walsh, Tiago e João seriam seus companheiros (sócios) nas pescarias, dividindo entre eles o rendimento auferido com as pescas realizadas e a venda das mesmas.

Nascido em Betsaida da Galileia, cidade dos pescadores (Jo: 1:44 e 12:21), a mesma Betsaida que serviu de “local de meditação a Jesus, face ao golpe de profunda tristeza que lhe abateu a alma, quando soube da morte de João Batista” (Celso Aloísio S. Barbosa, in ‘Pedro de Betsaida’ – ed. JUERP, 1983), transferiu-se mais tarde, em data imprecisa, mas pensam alguns historiadores que logo a seguir ao seu casamento, para Cafarnaum, conforme

Mateus refere em VIII: 5-14, quando diz que Jesus lhe foi ver a sogra, que estava doente em sua casa. E é ainda ali, em casa da sogra, que Jesus e os seus companheiros se recolhem de cada vez que têm de pernoitar em Betsaida.

Segundo William Thomas Walsh, no seu livro “São Pedro, o Apóstolo”, terá sido com o pai que Pedro aprendeu o ofício da pesca, da mesma maneira que, com ele, aprendeu, ainda criança, a interpretar os ensinamentos bíblicos que o orientaram até ao seu encontro com Jesus. É nesta obra que encontramos, também, a afirmativa de que Pedro seria casado, mas sem filhos, e que sua mulher o teria acompanhado, na sua vivência com o Divino Amigo e, depois da morte deste, na tarefa que assumiu na ‘Casa do Caminho’. Tanto ele como vários outros escritores referem que Paulo chamava a Pedro de “Cefas”, nome grego que significa “pedra”, afinal o mesmo apodo que Jesus lhe dera, quase de imediato, no início da sua convivência: “Tu és Pedro (Cefas = pedra) e sobre ti será fundada a minha Igreja.”

Este mesmo autor, continuando a recordar a figura de Pedro, afirma que de cada vez que a multidão mais se aproximava de Jesus, envolvendo-O de tal modo que parecia quererem-no absorver, Pedro tomava-O nos braços e afastava-se com Ele para longe, para que o Divino Amigo pudesse melhor respirar e descansar. É que a sua estatura robusta, contrastava com a figura franzina de Jesus, sempre mais debilitado depois de doar a sua energia no atendimento às multidões que o rodeavam.

Na obra “Evangelhos Gnósticos”, da Biblioteca Nag Hammadi, sobre a família do pescador, encontramos, na página 205 e seguintes, referências a curas efectuadas pelo Apóstolo e, por causa destas, referência a uma sua filha quando, a meio a um destes actos, um homem presente lhe pergunta como é que ele cura todos os que lhe pedem auxílio e não curou ainda a filha, parálitica? Seria falta de poder para tal? Provando que não é esse o caso, Pedro volta-se para a filha, paraplégica, ordenando-lhe que ande; a moça ergue-se e caminha. Depois de todos verem o “milagre de Deus” Pedro ordena à filha que volte ao seu estado normal... e a filha volta a sentar-se, novamente parálitica. Interrogado sobre a falta de caridade de tal atitude, ele esclarece que, quando do nascimento da bebé, lhe fora dada uma visão reveladora de quanto a filha, pela sua beleza, poderia ser a causa de escândalos e perdição de muitos e dela própria, o que começara a acontecer quando a criança atingira os 10 anos. Então, para que tal não continuasse, ele pedira a Deus que fizesse com que a filha não pudesse perder-se na vida, nem perder os que se encantassem com a sua beleza... e a paralisia acontecera! Hermínio C. de Miranda, na sua obra sobre “O Evangelho de Tomé”, refere esta situação mais pormenorizadamente.

Na continuidade do seu apostolado, embora seja referido o encontrar-se sempre só, sem ser mencionada a família, principalmente a partir do momento em que Paulo se junta a todos eles na “Casa do Caminho”, ignora-se quando terá acontecido o desencarne da companheira e da filha – porquanto, a situação acima, acontecera já depois do drama do Calvário.

Não está bem definido se Pedro também acompanhava João Batista, tal como André, seu irmão, o fazia; mas João (I:37 e 40) narra que Jesus convidou a Pedro que se encontrava em companhia de seu irmão André. Segundo Walsh, este, André, seria mais velho que Pedro (embora outros escritores digam, precisamente, o contrário) e tinha uma grande sede de

conhecimento espiritual, sede que aumentara depois da sua primeira visita ao Templo, procurando esclarecer as suas dúvidas com todos os que o podiam elucidar. Fora assim que, tendo sido comentado, à sua beira, a presença de um possível profeta que falava e baptizava em nome de Deus, procurara João Batista e com ele fora ficando, absorvendo os ensinamentos que este transmitia e atraindo para ele o irmão que, entretanto, não se sentia motivado com o que escutava ao Batista. Para Pedro, os profetas, muitas das vezes, mais não eram que mistificadores a enganarem o povo para, depois, o roubarem. Quando Jesus aparecera e pedira o seu baptismo, o Batista aconselhara André a segui-LO, por ele ser o Messias. E quando, de um outro encontro com João e Jesus, este vê Pedro com o irmão, convida-o então e Pedro, de imediato, deixa tudo para trás para seguir o Divino Amigo!

Analisando a maneira de ser de Pedro, inseguro, umas vezes tímido, outras com o feitio explosivo a mostrar-se e derramar-se sobre uns e outros, o convite de Jesus e a sua aceitação, seguindo-O de imediato, só poderá ter acontecido face ao grande magnetismo que se desprendia sempre do olhar do Divino Amigo. Aquele olhar penetrava o indivíduo e parecia ir até ao âmago de cada um, encadeando-o tal qual a borboleta face à luz de que se aproxima! Mas o encadeamento que Jesus provocava – a ser verdade – era o do Amor, a que as pessoas não estavam habituadas, consideradas pelos grandes que os governavam como se não existissem, face à pobreza que os escravizava ao poder do rei judeu e do governador romano, que determinavam sempre e sempre mais impostos para que o ouro não faltasse nos seus cofres para o dia a dia de cada um. E, da parte do governador romano, havia ainda a preocupação de não falhar com Roma, mostrando a sua eficácia no posto que lhe fora entregue. Assim, o contraste entre os governantes e o povo era tão intenso como a diferença existente entre o dia e a noite!

O Espírito Amélia Rodrigues, escrevendo pela mão de Divaldo Pereira Franco, narra-nos esse primeiro encontro no qual o pescador terá reagido negativamente às referências que escuta de terceiros, referentes a Jesus.

“(...) Ouvindo as informações e sentindo o entusiasmo ingénuo dos amigos, experimentou um desconhecido ressentimento do estranho Profeta, que certamente era mais um mistificador que vivia explorando a ignorância das massas.

“Recusou-se a ir ouvi-IO.

“Algo, porém, remoía-se-lhe intimamente, e uma estranha curiosidade empurrou-o, pela madrugada do sábado, a empreender a marcha na direcção do lugar onde Ele iria apresentar-se.

“(...)Enfermos de vários matizes eram conduzidos: cegos, coxos, paralíticos carregados, obsidiados, dementes, anciãos e outros cujas doenças eram a idade avançada, o desgaste, o abandono irrecuperável...

“Um misto de piedade e ira tomou Simão.

“- Como as pessoas lhe pareciam estúpidas, entregando-se a qualquer aventureiro que surgisse – pensava contrariado.

“Quando atingiu o cume do cerro, a multidão era densa.

“(...) Subitamente, Ele apareceu. Esguio e belo, o rosto magro e queimado adornava-se de barba e cabelos à nazarena, onde brilhavam olhos transparentes como duas estrelas engastadas. A túnica descia-lhe até aos pés, tecida na roca, em tom carregado de mármore...

“(…)Uma exclamação de júbilo escapou dos lábios da multidão, ao vê-lo.

“(…) Uma mulher, que trazia nos braços uma filha cega, rogou:

“- Senhor, cura minha filha e eu Te seguirei.

“(…)Por encontrar-se atrás de Simão, e porque, trémula, chorava, o pescador tomou-lhe a menina nos braços e avançou até à primeira fila.

“Jesus acercou-se e mergulhou, nos olhos de Simão, o seu doce olhar, sem uma palavra. No entanto, emocionado, ele pareceu escutar no seu íntimo, a Sua voz, que dizia: Eu te conheço, Simão, desde ontem...

“Acompanhou-lhe a mão, cujos dedos tocaram os olhos mortos da criança, e ouviu-O falar: Vê, filha, em nome de meu Pai.

“A criança começou a chorar e gritar: Eu vejo, eu enxergo!

“A mãe avançou e arrebatou-a, estuante.

“Quando Ele desceu o braço, a manga da túnica roçou o tórax de Simão, que estremeceu, mergulhado na luz dos Seus olhos, e ali ficou, paralisado, havendo perdido o contacto com o mundo sensorial.

“Ao retornar, à realidade, sob a ardência do dia, estava a sós; todos se haviam ido; a hora avançava.

“(…)Já não era o mesmo. Nunca mais voltaria a ser o que fora. O que se passou nele, modificou-lhe a vida para todo o sempre, a partir daquele momento.

“Interrogando-se, desejava saber de onde e desde quando O conhecia e O amava...

“Na acústica da alma, ressoava-lhe a voz, confirmando, desde ontem...” (In: ‘TRIGO DE DEUS’, cap. 2).

Por sua vez, Humberto de Campos (Irmão X), no livro BOA NOVA, psicografado por Francisco C. Xavier, no capítulo terceiro, ele também narrando o encontro de Pedro e Jesus, e o referido convite, descreve-o assim:

“(…) Jesus aproximou-se do grupo e, assim que dois deles desembarcaram em terra, falou-lhes com amizade:

“-Simão e André, filhos de Jonas, venho da parte de Deus e vos convido a trabalhar pela instituição de seu reino na Terra!

“(…)Quase a um só tempo, dando expansão aos seus temperamentos acolhedores e sinceros, exclamaram respeitosamente:

“-Sede benvindo!

“Jesus, então, lhes falou docemente do Evangelho, com o olhar incendiado de júbilos divinos.

“Estando muitos outros companheiros do lago a observar de longe os três, André, manifestando a sua tocante ingenuidade, exclamou comovido:

“- Um rei? Mas em Cafernaum existem tão poucas casas!...

“Ao que Pedro obtemperou, como se a boa vontade devesse suprir todas as deficiências:

“-O lago é muito grande e há várias aldeias circuncidando estas águas. O reino poderá abranger-las todas!(...)

“- Quereis ser meus discípulos?

“André e Simão se interrogaram a si mesmos, permutando sentimentos de admiração embevecida

“Reflectia Pedro: que homem seria aquele? Onde já lhe escutara o timbre carinhoso da voz íntima e familiar? Ambos os pescadores se esforçavam por dilatar o domínio de suas lembranças, de modo a encontrá-lo nas recordações mais queridas. Não sabiam, porém, como explicar aquela fonte de confiança e de amor que lhes brotava no âmago do espírito e, sem hesitarem, sem uma sombra de dúvida, responderam simultaneamente:

“- Senhor, seguiremos os teus passos. (...)”

Pedro tinha já algumas décadas de existência quando Jesus o convida, mas ele não hesita, não mede conseqüências, não se pergunta como viverá dali em diante: o convite, pela voz doce e aliciante diz : “Segue-me!”, e ele, simplesmente, O seguiu!

O Espírito Áureo, através da psicografia do médium brasileiro, desencarnado há poucos anos atrás, Hernâni de Sant’Ana, escreveu o livro UNIVERSO E VIDA onde, através das suas páginas ricas em informações do pretérito, narra que Abraão e todo aquele escol de almas que fundaram e ajudaram a desenvolver o antigo reino de Israel, viviam no sistema de Sirius, a milhões de anos luz da Terra; ali vivia, igualmente, o Espírito Maria, mãe de Jesus. Esclarece, aquele Espírito:

“(...)Foi, porém, entre os hebreus, povo escolhido para acolher no seu seio o Messias Divino, que esses gloriosos missionários mais frequentemente se manifestaram, a começar pelo maior de todos, o Grande condutor dos degredados, que seria, na Terra, o neto de Abraão, aquele Jacó que se transformaria em Israel, pai das doze tribos que se derivaram dos seus doze filhos. Sempre actuante e sempre fiel, ele voltaria depois como Moisés, e como Elias, para tornar novamente ao mundo na figura sublime do Batista.

“Tal como ele, Abraão, que foi mais tarde Salomão e depois Simão Pedro... (...); e muitos outros, dentre os quais quase todos aqueles que, a chamado de Jesus, integrariam o seu Colégio Apostólico.” (UNIVERSO E Vida, Espírito Áureo, cap. II).

É assim que aquele Espírito nos esclarece sobre os apóstolos de Jesus, é assim que ficamos a saber da elevação do Espírito que, acompanhando o Divino Amigo, recebeu d’Ele o nome de Pedro. Embora tanto ele como os restantes companheiros se mostrassem simples, humildes, alguns até analfabetos, nas suas almas estava há muito bem marcada a imagem de Jesus que, ainda antes do encontro terreno, já os convidara espiritualmente para O seguirem e, com Ele, serem pescadores de almas! E, na humildade que cada um vivia já, sendo preciso para acompanharem a Jesus, mostrarem-se ignorantes, analfabetos até, assim o fariam!

Entretanto, analisando a maneira de ser de cada apóstolo, parece-nos que Jesus quis, igualmente, na maneira de ser de cada um, deixar-nos a mensagem de que todos temos as mesmas oportunidades: Ele não veio só para João, o amoroso e místico; Ele não veio só para André, que sempre questionava as informações que até Ele chegavam sobre Deus e o mundo espiritual; não veio para Levi, a quem chamou de Mateus – e a cada novo nome que dava a um e a outro ia revelando, sem palavras, que todos podemos ser uma pessoa nova mediante a transformação que possamos fazer, lutando pela nossa reforma íntima! Levi parecia viver em função do dinheiro, pois era cobrador de impostos, mas Jesus viu nele a “matéria bruta” se assim podemos dizer, pronta para ser moldada... e Ele moldou-a e nasceu Mateus! Ele não veio só para Tiago, nem o Menor, que pelo seu Amor ao Cristo, foi

das primeiras vítimas das perseguições aos cristãos, feitas na Judeia, onde foi degolado, nem o Maior, que desencarnou velho, convivendo com todos, a todos recomendando cuidado e procurando agir de maneira a não desagradar ao Sinédrio mas, intimamente, recordando e procurando vivenciar os ensinamentos do Mestre... Até Judas Ele buscou – o apóstolo materialista que lutava pelo poder de um reino e trono palpáveis... Quando entrega o Mestre, depois de descobrir que o Reino que Jesus referia nada tinha a ver com o que ele ambicionava, ele não sente que entrega um enviado divino, mas um visionário que falava de coisas consideradas impossíveis. Entretanto, o seu arrependimento – o arrependimento de todos nós depois de reconhecermos que caímos mas queremos reerguer-nos – atrai o perdão messiânico... e a Sua atitude para com o Apóstolo que O entregara aos inimigos, é a mesma que tem conosco ao longo dos séculos e está patente nas palavras *“Ficarei convosco até ao final dos tempos!”*

Pedro é o Apóstolo mais presente, aquele que mais interroga o Mestre - o que mais quer saber... o que O quer compreender e para quem ele afirma, várias vezes, o quanto nada sabe. É também, segundo as narrativas chegadas até nós, aquele que mais prevarica apesar das explicações de Jesus sobre o que não se deve fazer... Criança crescida, ou o precursor de todos nós, a chamar-nos a atenção para o nosso comportamento, a perguntar como nós perguntaríamos se ali estivéssemos, a querer saber – tal como nós, ainda hoje, intentamos fazer-lo!

Segundo José Herculano Pires (REVISÃO DO CRISTIANISMO), *“Pedro declara que nunca dormia sem antes repetir os ensinamentos para que eles não se apagassem da sua memória”*.

É ele, igualmente, um dos que, confiando, se revolta contra Jesus quando, todos embarcados para mais uma pescaria, o mar começa a agitar-se enquanto o Companheiro dorme porque, cansado de ter atendido mais uma multidão, pedira-lhes para se afastarem de terra; e, quando, depois de longos instantes, sem que nada O abalasse, vendo o perigo que corriam, João se revolve a acordá-lo, ficam extasiados quando observam a maneira como Jesus ordena ao vento e às águas que se acalmem! No momento imediato, Jesus manda que eles lancem as redes ao mar; o pescador responde que já o haviam feito, mas a pesca tinha sido impossível, devido ao estado das águas encapeladas, mas o Amigo insiste, e quando recolhem as redes, elas vêm peçadas de peixes, numa pescaria como nunca acontecera antes com qualquer um deles!

“- Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem” ... “Viviam com Ele e não O conheciam...” (Amélia Rodrigues, Espírito, in ‘LUZ NO MUNDO’, ca.p. 6).

“É ele ainda que, numa outra vez, talvez pensando nas suas dificuldades de pai e educador, é ele também que pergunta para Jesus:

“-Rabi, como nos devemos comportar diante dos filhos rebeldes e ingratos? Ministramos lições de amor mediante a áspera renúncia e a forte abnegação, a fim de que desatem as forças superiores da vida e se tornem felizes. Todavia, à medida que adquirem liberdade do movimento e de acção, tornam-se prepotentes, rudes e, não raro, agressivos. Está escrito na Lei que é necessário honrar pai e mãe... Sem embargo, Senhor...

“(…)
“-Simão, que faz o homem com o solo adusto, quando deseja cultivá-lo?
“-Arroteia-o, Senhor – respondeu, prontamente, o atento companheiro.
“-Que faz o oleiro diligente, que deseja um vaso e dispõe, apenas, de modesta e desagradável porção de lama?
“-Modela-a com hábil movimento e celeridade.
“-Como procede o jardineiro, quando se dispõe a colher rosas?
“-Precata-se contra os espinhos.
“-Como se deve comportar o educador ante o aprendiz difícil?
“-Insistindo, paciente, e porfiando, austero, buscando encontrar a fórmula própria e acessível para ministrar o ensino.
“-Da mesma forma, em relação aos filhos devemos proceder. A paciência é método fundamental para a realização de qualquer cometimento educacional. A dificuldade de hoje, quando perseveramos nos ideais superiores, surge, amanhã, regularizada. O problema de agora, se insistimos na acção, se apresenta mais tarde solucionado.
“-Os filhos difíceis exigem maior quota de atenção. Aturdidos em si mesmos requerem carinho e altas doses de confiança, a fim de lograrem segurança íntima. O futuro ensinar-lhes-à, mais tarde, o que hoje não logram compreender. Tornar-se-ão pais e entenderão que só o milagre do amor consegue realizar o ministério eficiente da felicidade com o êxito que se almeja.” (A. R., in ‘HÁ FLORES NO CAMINHO’, cap. 19).

O Espírito Amélia Rodrigues é incansável a recordar ou a divagar sobre os factos acontecidos na época messiânica. Debruçada sobre uma e outra figura da sua história, ela vai levantando o véu que cobre os tempos de então... e fá-lo, ainda, quando o apóstolo pescador interroga Jesus sobre o perdão.

“-Quantas vezes . pergunta ele – perdoarei ao meu próximo? Sete vezes? (Mateus, XVIII:21)

“-Havia, na interrogação do discípulo, toda uma tradição ancestral e os laivos das humanas paixões que sempre estabelecem limites nas realizações mais elevadas.

“- Não apenas sete vezes, Simão, porém, setenta vezes sete vezes e não será o suficiente em relação ao ofensor que teima em nos magoar.”

(Francisco Cândido Xavier esclareceu uma vez uma irmã que o procurou para desabafar que, as ‘setenta vezes sete vezes’ não serão o total das ofensas, mas cada uma delas...)

Continuemos, então, com o diálogo entre o Divino Amigo e Pedro:

“-E se alguém, com quem não simpatizamos, nos ferir, por motivo nenhum, será lícito reagir apresentando-o ao juiz?

“-Não, Pedro. Todo aquele que agride com ou sem motivo, encontra-se agredido em si mesmo.

“-Isto, porém, não significaria apoiar a violência e permitir que os maus dominem os simples e humildes?

“- De forma alguma. Os maus estão doentes, portadores de tormentos destruidores no imo de si mesmos. Revidar-lhes a ofensa é forma de aumentar-lhes a capacidade de

agressão. Somente o amor ungado de abnegação consegue produzir a real transformação interior de alguém e demonstrar o valor da paz para quem a perdeu...

“-Nessa linha de raciocínio, indago – aduziu o amigo, inquieto – e se da agressão pura e simples ele partir para tomar nas suas mãos desvairadas a vida de um ente querido, trucidando-a?

“-Ainda aí – redarguiu, sereno, Jesus – o perdão assume um papel preponderante, porquanto mais importante se nos apresenta o desafio do amor, quanto mais grave e difícil é a situação que nos leva a perdoar.

“-Mestre – propôs ainda o companheiro com os olhos nublados de pranto – saber que um vândalo retirou do nosso carinho, pela violência, um filho, uma esposa ou uma mãe e não revidar, não significa apoiar e legitimar o direito da força?

“- Simão – redarguiu o Mestre, docemente – o Pai estatuiu as Leis das quais ninguém se evade. Não colocamos aqui a questão em termos de esquecimento à responsabilidade nem desrespeito aos códigos legais estabelecidos. Referimo-nos ao revide, ao ódio, ao plano de cobrança por parte daqueles que foram atingidos pela enfermidade do próximo desvairado.

“Além deles não fugirem da consciência, que os não esquecerá no tribunal de si mesmos, cabe-nos deixar que os Organismos especializados cumpram com as suas atribuições. Nós, porém, permaneceremos confiantes de que nada acontece sem que seja pela vontade do Pai.

Assim, não provoquemos a ninguém, nem a ninguém firamos. Silenciemos as ofensas e dispensemos a misericórdia em toda parte e com todos aqueles com quem convivemos.

“-Mestre, e, se por fim, nos matarem? – propôs o discípulo sincero com a voz sumida pela emoção.

“-Viveremos, Simão – ripostou com ternura o Amigo. – Ninguém mata a vida. Prosseguiremos vivendo, tanto quanto o criminoso também viverá.” (A.R., in ‘PELOS CAMINHOS DE JESUS, cap. 20.

Outra vez o medo na última pergunta do pescador... outra vez o receio que o levará, mais tarde, a negar o Mestre!

Mas a explicação que Jesus dá à sua pergunta não lhe é suficiente e, num dia em que mais e mais é chamado para atender e minimizar o sofrimento do povo, Jesus encarrega o pescador de atender quatro velhos publicanos acabados de chegar em busca de esclarecimento e conforto. As suas palavras simples são, entretanto, escutadas à letra, e Pedro age em conformidade com elas.

“Pedro, nossos irmãos chegam à procura de renovação e afecto. Rogo sejam, junto deles, o portador do Eterno Bem!... Ampara-os com a verdade, prossigamos em nossa tarefa de amor...

“O apóstolo relanceou o olhar pelos circunstantes e, tão logo se viu a sós com eles, fez-se arredio e casmurro, esperando-lhes a manifestação.

“Foi Eliúde, o joalheiro mais velho dos quatro, que se ergueu e solicitou com modéstia:

“Discípulo do Senhor, ouvimos a Nova Revelação e temos o espírito repleto de júbilo! Compreendemos que o Messias Nazareno vem da parte do Todo Poderoso arrancar-nos da sombra para a luz, da morte para a vida... Que instruções e bênçãos nos dás, oh! Dileto

companheiro das Boas Novas? Temos sede do Reino de Deus que o Mestre anuncia! Aclara-nos a inteligência, guia-nos o coração para os caminhos que devemos trilhar!...

“Simão, contudo, de olhar coruscante, qual se fora austero zelador de consciências alheias, brandiu violentamente o punho fechado sobre a mesa, e falou, ríspido:

“- Conheço-vos a todos, oh! Víboras de Corazin!...

“E, apontando o dedo em riste para Eliúde, aquele mesmo que tomara a iniciativa do entendimento, acusou-o severamente:

“- Que pretendes aqui, ladrão de viúvas e dos órfãos? Sei que ajuntaste imensa fortuna à custa de aflições alheias. Tuas pedras, teus colares, teus anéis!... que são eles senão as lágrimas cristalizadas de tuas vitimas? Como consegues pronunciar o nome de Deus?...

“E voltando-se para o segundo, na escala das idades, esbravejou:

“- E tu, Moabe, a que vieste? Ignoras, porventura, que não te desconheço a miséria moral? Como te encorajaste a vir até aqui, após extorquir os dois irmãos, de quem furtaste os bens deixados por teu pai? Esqueces que um deles morreu consumido de penúria e que o outro enlouqueceu por tua causa, sem qualquer recurso para a própria alimentação?

“Em seguida, dirigiu-se ao terceiro dos circunstantes:

“- Que buscas, Zacarias? Não te envergonhas de ter provocado a morte de Zorobabel, o sapateiro, comprando-lhe as dividas e atormentando-o, através de exacráveis cobranças, no só intuito de roubar-lhe a mulher? Já tens o fruto de tua caça. Aniquilaste um homem e tomaste-lhe a viúva... Que mais queres, infeliz?

“E, virando-se para o último, gritou:

“- Que te posso dizer, Ananias? Há muitos anos, sei que fazes o comércio da fome, exigindo que a hortaliça e o leite subam constantemente de preço, em louvor da tua cupidez... Jamais te incomodaste com as desventuradas crianças de teu bairro, que falecem na indigência, à espera de tua caridade, que nunca apareceu!...(..)

“- Súcia de ladrões, bando de malfeitores!... O Reino de Deus não é para vós!...

“Nesse justo momento, Jesus reentrou na sala, acompanhado de alguns amigos, e, entendendo o que se passava, contemplou, enternecidamente, os quatro publicanos arrasados de lágrimas, ao mesmo tempo que se abeirou do pescador amigo, indagando:

“- Pedro, que fizeste?

“- Senhor, tu disseste que eu deveria amparar estes homens com a verdade...

“- Sim, eu falei “amparar”, nunca te recomendaria aniquilar alguém com ela...” (Irmão X, in ESTANTE DA VIDA”, cap. 19, ed. FEB).

E enquanto Jesus conforta a todos, afirmando para Pedro que “não viera à Terra para curar os sãos”, a atitude do apóstolo lembra-nos, ainda, aquela outra recomendação do Divino Amigo : “Não julgues, para não seres julgado...”(Mts., VII: 1-2).

Pedro e a sua ingenuidade e a sua ânsia de saber e cumprir com os ensinamentos do Amigo, sempre acompanhada da afirmativa de nada saber nem perceber do que d’Ele escuta! Nas objeções que, ao longo do seu convívio com Ele, o ‘aprendiz’ sempre lhe faz, está latente a comparação entre a nossa maneira de ser tão terra à terra e a espiritualidade das respostas de Jesus, com que o Messias nos queria despertar a todos para a vida que continua e para a transformação íntima que se nos faz necessária. Ele, Pedro, era o intermediário, a cartilha onde todos, mais tarde, poderíamos ler – a ponte, em suma!

E, apesar das lições do Mestre, apesar de todas as explicações ouvidas sobre o perdão, Pedro caía, vez por outra, em julgamentos e condenações orais de que depois, quando chamado à atenção pelo Senhor, em corpo ou em Espírito, se arrependia sempre.

Mas a sua adoração pelo Divino Amigo era manifesta... e tudo tentava para o agradar, não no sentido de ser mais do que os outros seus acompanhantes, mas no sentido de querer e dever fazer o certo e não o errado..., mesmo quando não compreendia porque era repreendido!

Na sua maneira de agir, na adoração pelo Divino Amigo, Pedro vê nele o próprio Deus e quando, através da sua mediunidade, à pergunta que Jesus lhes faz de quem Ele é, não hesita na resposta embora, como talvez de outras vezes em que vivera momentos semelhantes não percebera o acontecido: “- *Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo...*”(Mts., XVI: 13-17). A mediunidade do pescador vai-se desenvolvendo devagarinho, sem que ele se aperceba, embora, por vezes, note que fala coisas que nem sequer sabe bem o que significam! Mas Jesus lá está para o corrigir, para o ensinar, embora muitas vezes o pescador não perceba a razão de ser das corrigendas que sofre!

Assim sucede quando, pouco antes da prisão que irá acontecer, Jesus avisa todos os apóstolos reunidos de que, breve, a situação mudará.

Humberto de Campos, no cap. 21 da obra BOA NOVA, narra:

“(...)Não espereis por triunfos, que não os teremos sobre a Terra de agora. Nosso reino ainda não é nem pode ser deste mundo...Por essa razão, em breves dias, não obstante as minhas aparentes vitórias, entrarei em Jerusalém para sofrer as mais penosas humilhações. Os príncipes dos sacerdotes me coroarão a frente com suprema ironia; serei arrastado pela turba como simples ladrão! Cuspirão nas minhas faces, dar-me-ão fel e vinagre, quando manifestar sede, para que se cumpram as Escrituras; experimentarei as angústias mais dolorosas, mas sentirei, em todas as circunstâncias, o amparo d’Aquele que me enviou!...(...)”

“Foi aí que Simão Pedro, modificando a atitude mental do primeiro momento e deixando-se conduzir na esteira das concepções falíveis do seu sentimento de homem, aproximou-se do Messias e lhe falou em particular:

“- Mestre, não convém exagerardes as vossas palavras. Não podemos acreditar que tereis de sofrer semelhantes martírios... Onde estaria Deus, então, com a justiça dos céus? Os factos que nos deixais entrever viriam demonstrar que o Pai não é justo!...”

“-Pedro, retira essas palavras! – exclamou Jesus, com serenidade enérgica. – Queres também tentar-me, como os adversários do Evangelho? Será que também tu não me entendes, compreendendo somente as coisas dos homens, longe das revelações de Deus?! Aparta-te de mim, pois neste instante falas pelo espírito do mal!...”

“Verificando que o pescador se emocionara até às lágrimas, o Mestre preparou-se para a retirada e disse aos companheiros:

“-Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga os meus passos.”

Mais à frente, mas ainda no mesmo capítulo, Humberto de Campos descreve a conversa que, no dia imediato, o pescador procurou ter com o Divino Amigo, pois não conseguia compreender o motivo porque Jesus fora tão severo com ele. Humilde e cabisbaixo, perguntou-Lhe:

“-Mestre, porque razão mandaste retirar as palavras em que vos demonstrei o meu zelo de discípulo sincero? Alguns minutos antes, não havíeis afirmado que eu trazia aos companheiros a inspiração de Deus? Por que motivo, logo após, me designáveis como intérprete dos inimigos da luz?”

“-Simão – respondeu o Messias, bondosamente – ainda não aprendeste toda a extensão da necessidade da vigilância. A criatura na Terra precisa aproveitar todas as oportunidades de iluminação interior, em sua marcha para Deus. Vigia o teu espírito ao longo do caminho. Basta um pensamento de amor para que te eleves ao céu; mas, na jornada do mundo, também basta, às vezes, uma palavra fútil ou uma consideração menos digna, para que a alma do homem seja conduzida ao estacionamento e ao desespero das trevas, por sua própria imprevidência! Nesse terreno, Pedro, o discípulo do Evangelho terá sempre imenso trabalho a realizar, porque, pelo Reino de Deus, é preciso resistir às tentações dos entes mais amados na Terra, os quais, embora ocupando o nosso coração, ainda não podem entender as conquistas santificadas do céu.”

E termina o Espírito escritor afirmando que, tendo o Cristo acabado de falar, o pescador calou-se e ficou a meditar...

Impulsivo, com o coração ao pé da boca, como costuma dizer-se, Pedro não percebia... Era dos que falava primeiro e, só depois, quando a reacção às suas palavras não era a esperada, é que passava a meditar... qual criança grande que não aprendeu ainda a lição! Têm-na registada no seu âmago mas não a pôs à prova, não a praticou...A sua fé é fraca... talvez seja mais um entusiasmo pelo Amigo que age como ele nunca viu ninguém agir... Talvez seja das palavras que Lhe escuta... que Aquele Homem é diferente, ele reconhece-o, mas... até que ponto O compreende? Até onde será capaz de O seguir? E quando, numa outra vez, com o mar encapelado, ele O vê andar sobre as águas, não hesita:

- Senhor, eu também quero!

- Então, vem! – responde-lhe o Mestre. E ele atira-se para as águas sem despregar os olhos do outro olhar que o incentiva e prende... Depois, num segundo, um movimento diferente ao seu redor – talvez uma gaivota que passe, veloz, procurando terra – faz com que deixe de fitar o Amigo... e, na sua insegurança, logo se sente a afundar e pede-Lhe o socorro, como se o abismo se estivesse a abrir para ele. E Jesus deita-lhe a mão e segura-o, de volta à barça!

Descobrimo a maneira de ser do pescador, reconhecemos nele a nossa lição número um, como se com ele, com o seu comportamento, Deus nos afirmasse: - ‘Observa : se Eu perdoei a um companheiro de Jesus, que viveu beneficiando da Sua vibração, do Seu Amor manifesto no dia a dia por todas as criaturas, como não perdoarei a ti, bem mais fragilizado?’ ... E a retratação de Pedro, de cada vez que ele prevarica e, depois, se

arrepende e é perdoado, torna-se a nossa esperança – esperança que nos acompanha ao longo dos séculos, alicia e incentiva a tornar-nos melhores!

Na última ceia, quando Jesus refere a atitude daquele que, dentre os demais, o irá trair, ele manifesta-se – e é sincero na sua maneira de falar - mas logo depois revolta-se, indignado, quando Lhe escuta que também ele, antes que o galo cante três vezes, O negará na noite depois da sua prisão... e quando tal acontece, depois da sua terceira nega, é ao ouvir o canto do galo que ele lembra as palavras do Amigo e chora reconhecendo a sua própria fraqueza! Mas, ainda aqui, não tem coragem de acompanhar o Amigo e estar com Ele nos últimos instantes... e mantém a sua nega!

O Espírito Emmanuel, no capítulo 89 do livro mediúnico “CAMINHO, VERDADE E VIDA”, psicografado por Francisco C. Xavier, comenta assim esta atitude:

“(...) A negação de Pedro sempre constitui assunto de palpitante interesse nas comunidades do Cristianismo.

“Enquadrar-se-ia a queda moral do generoso amigo do Mestre num plano de fatalidade? Por que se negaria Simão a cooperar com o Senhor em minutos tão difíceis?

“Útil, nesse particular, é o exame de sua invigilância.

“O fracasso do amoroso pescador reside aí dentro, na desatenção para com as advertências seguidas.

“Grande número de discípulos modernos participam das mesmas negações, em razão de continuarem desatendendo.

“Informa o Evangelho que, naquela hora de trabalhos supremos, Simão Pedro seguia o Mestre ‘de longe’, ficou no ‘pátio do sumo sacerdote’, e ‘assentou-se entre os criados’ deste, para ‘ver o fim’.

“Leitura cuidadosa do texto esclarece-nos o entendimento e reconhecemos que, ainda hoje, muitos amigos do Evangelho prosseguem caindo em suas aspirações e esperanças, por acompanharem o Cristo à distância, receosos de perderem gratificações imediatistas; quando chamados a testemunho importante, demoram-se nas vizinhanças da arena de lutas redentoras, entre os servos das convenções utilitaristas, assestando binóculos de exame, a fim de observarem como será o fim dos serviços alheios.

“Todos os aprendizes, nestas condições, naturalmente fracassarão e chorarão amargamente.”

Só depois da Sua morte, ele e os restantes apóstolos se procuram e juntam para decidirem o que fazerem...

É ainda no final daquela mesma reunião, depois de alimentados, que Jesus se ajoelha, frente a cada um, e lhes lava os pés. Os restantes apóstolos não reagem – só Pedro se afasta, indignado, exclamando:

“- Senhor, tu a mim me lavas os pés? (,,) Não me lavarás os pés, jamais!

“Replicou-lhe Jesus: - Se eu não te lavar, não terás parte comigo.

“Há um momento de profundo silêncio cheio de expectativa. O discípulo desperta e exclama com emoção incontida:

“-*Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos, a cabeça...*” (Amélia Rodrigues in SOU EU, capítulo 4).

Outra vez a reacção de Pedro nos lembra as nossas próprias, perante o que pensamos e a verdade que nos fazem compreender! E mais uma vez, depois de tudo acontecido e de ter ficado a pensar no porquê da repreensão do Amigo, ele escuta de Jesus a explicação que, contra o costume, percebe de imediato:

-“*Quanda eras moço, tu te cingias e andavas por onde querias. Quando fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres*”.

“E (...) ele percebeu que seria conduzido ao matadouro por estranhas mãos. Isso, porém, não lhe importava naquele momento. O Mestre ali estava, e isto, sim, era-lhe tudo(...)”. (Amélia Rodrigues in : SOU EU, capítulo 11).

O Espírito Joana de Ângelis, no livro ‘SENDAS LUMINOSAS’, capítulo 11, ‘Consciência de Culpa’, comenta:

“(...)Pedro convivia com Jesus e O amava. Receoso, no entanto, e frágil em seus desafios, negou o seu benfeitor e escapou à sanha dos inimigos d’Ele.

“Açodado pela consciência de culpa, deu-se conta do erro inominável e entregou o restante da existência a Seu serviço em forma de reparação do terrível engano, demonstrando quanto é débil o sentimento de fidelidade do ser humano.(...)”

Ao fazê-lo, era como se de novo ouvisse o Mestre a perguntar-lhe se o amava e, face à sua resposta, sempre positiva, Ele lhe recomendasse:

- Se me amas, apascenta as minhas ovelhas!

E o mesmo Espírito (Joanna de Ângelis), desta vez em GARIMPOS DE AMOR, cap. 6, ‘Amor e Resistência’, comenta sobre a negação do pescador e a atitude de Jesus:

“Foi o amor que levou o Mestre a reconvocar Simão Pedro ao ministério espiritual, arrancando-o do remorso resultante da negação e da culpa, de tal forma que, renovado, mais tarde se deu também em holocausto, tocado pela magia irradiante desse sublime sentimento.”

O sentimento de todos eles... quando Madalena aparece a narrar que Jesus já não estava no sepulcro, mas que tinha falado com ela e lhe mandara transmitir para todos o acontecido, Pedro – e todos os outros, afinal – têm uma atitude que revela não só o machismo como o ciúme sentido : - ‘Porquê, aparecer a ela, mulher, ainda há pouco uma perdida, e não a qualquer um dos doze? Como acreditarem que ela falava verdade?’

É ainda Humberto de Campos que narra o desprezo a que a votam, tão grande, tão intenso, que sentindo-se preterida por todos eles, ela despede-se da Mãe de Jesus, e vai caminho afora, até encontrar um grupo de leprosos com os quais começa a conviver,

assistindo-os, transmitindo-lhes os ensinamentos do Mestre... e acabando por ser, também ela, vítima da mesma doença...



A tarefa dos Apóstolos começa, realmente, após a partida de Jesus, na reunião de Pentecostes, quando são vistas línguas de fogo sobre a cabeça de cada um, que começa a falar uma língua ou dialecto diferente do habitual. A partir daí, cada um começa a explicar e exemplificar os ensinamentos do Mestre e, com o passar do tempo, vão-se afastando da base – A CASA DO CAMINHO, edificada por eles e para todos os necessitados que lhes batessem à porta – onde, no entanto, o apóstolo viajante sempre volta para dar conta da sua tarefa a Pedro (a Pedra), e com ele se aconselham e esclarecerem dúvidas... mas, ainda aqui, ficámos com algumas dúvidas porquanto outros escritores – e Hermínio de Miranda – afirmam que o verdadeiro chefe era Tiago, o Menor, irmão de Jesus, e depois dele, então, a hierarquia seguia com Pedro, sendo isto tão natural, devido aos laços consanguíneos existentes entre Jesus e Tiago, que nunca ninguém pôs a situação em causa.

Apesar disto, Pedro está presente para todos eles: mais do que um Chefe, ele é o Pai, o companheiro, aquele que Jesus mais preparou, devido às dúvidas e interrogações que o Mestre ia esclarecendo... Mesmo porque Tiago só no fim da presença de Jesus é que se aproximou do grupo! Mas, no silêncio das suas noites, quantas dúvidas ainda de ter agido correctamente; quantos apelos e invocações para que Jesus o oriente, porque se sente, de novo, a afundar – agora, não mais nas águas do lago onde pescavam, mas nas ondas que as tempestades da Vida provocavam! É que os homens, os próprios companheiros pedem, exigem demasiado do seu saber, do seu comportamento, e ele não tem em quem se apoiar.

As dissensões entre uns e outros que, por vezes, tem de amainar, são bem mais difíceis de vencer que as enfrentadas anteriormente, quando procurara salvar o pesqueiro, os restantes pescadores e a si próprio!

Com o decorrer do tempo, também ele tem de deixar os companheiros, para levar mais longe a palavra crística: caminhando de uma para outra cidade, afastando-se sempre para mais longe, faz do seu destino a cidade de Roma, onde já Paulo se encontra sob prisão domiciliária.

Avisado pelos amigos de que nova rusga estava a ser preparada contra os cristãos, diz a lenda que procurou afastar-se, palmilhando a estrada deserta que o levaria à saída da cidade. Desta vez, não é o medo que lhe orienta os passos mas a ideia de que tem de continuar livre para transmitir, ainda mais, os ensinamentos que escutara do Senhor... mas um vulto aproxima-se, cruzando o seu caminho. É Jesus, Jesus que passa por ele sem lhe dirigir a palavra!

Na sua estranheza pela atitude que observa, ele pergunta – querendo livrar o Amigo do perigo maior que o espreita:

- Onde vais, Senhor? Quo Vadis, Domine?

- Para a cidade – responde-lhe Jesus – para a cidade, para morrer no teu lugar!
(SERMÃO DE STO. AMBRÓSIO, SÉC. IV).

O Apóstolo reconsidera e regressa a Roma, deixando-se aprisionar.

Dias depois, levado para uma encosta da Colina do Vaticano, com o madeiro da cruz onde será crucificado à sua frente, sob os seus olhos, pede aos guardas que o coloquem de cabeça para baixo por se sentir indigno de morrer da mesma maneira que o Cristo.

Naqueles instantes supremos, que recordaria ele? O primeiro encontro com o Messias, quando Ele o convidara para ser pescador de homens, de almas? As vezes que fora por Ele repreendido?... A maneira como Jesus o perdoara depois dele o ter negado?... O perdão que Jesus pedira para a Humanidade, do Alto da cruz onde a injustiça dos homens o havia colocado?... O modo como, depois de Jesus, ele O procurara dignificar, transmitindo os seus ensinamentos, exemplificando o seu Amor para com todos?...

Ah! Mil vezes o Senhor lhe perguntasse pelo seu Amor, outras tantas ele lho afirmaria sem qualquer hesitação!

Jesus é a PEDRA; ele, Pedro, é (era) a ponte, a não deixar que a pedra fosse destruída, levada pela fúria das águas que tudo invadem e arrastam, transformando em lama o que ainda ontem era beleza e quietude – as tempestades da Alma de cada um!

Ele era a ponte...

- Amas-me? Como me amas?
Por três vezes a Pedro perguntou
Jesus, e a resposta ficou com a simplicidade
Da sua própria condição:
- Amo-vos com o coração!

- Como me amas?
Se Ele me interrogasse,
Antes que eu me firmasse
Hesitaria na resposta
(Não procurando o que se gosta
Mas a maneira de o dizer)...
Amar a Jesus... será quem quer
E que o consegue fazer?
Amo-vos... como o sol que me ilumina,
Como um cego que caminha
Necessitando bordão...
Amo-vos... como a luz para os meus olhos,
Que me livra dos escolhos
Quando a treva me rodeia...

Amo-vos... como ao lago de água calma,
Que apazigua minha alma
Quando dele me aproximo...
Amo-vos... na rajada forte do vento,
Que pode ser meu sustento
Se aprendo a enfrentá-lo...
Amo-vos... no temporal que me atira ao chão,
Pois logo sinto, estendida, a mão
Que me ajuda a reerguer...
Amo-vos... no riso e na dor,
Na esperança e desalento,
No deserto e na companhia dos amigos de momento...
Amo-vos... porque sois a Luz do Mundo,
Porque Vosso Amor profundo
De Irmão tão fraternal,
Incentiva-me sempre ao Bem,
afastando-me do mal!
Amo-vos... mesmo quando Vos negue
Vossa palavra me ergue
Dos abismos para o aprisco do Pastor
que não me perde!
- Como vos amo, Senhor?
Apenas... com muito Amor!

*

(FINAL DA 1ª PARTE)

O TÚMULO DE PEDRO

Werner Keller, quase no final do seu livro *A BÍBLIA TINHA RAZÃO*, a páginas 369/370/371/372/374/375, refere:

“Segundo as leis romanas, o corpo de um condenado *a morte tem de ser entregue aos seus parentes. Estes costumavam retirar os cadáveres na mesma noite da sua morte na cruz. Como a Jesus no Gólgota, também a Pedro o envolveram num lençol e, secretamente, levaram-no para um cemitério de pagãos, atrás do circo, junto à via Cornélia. Este cemitério fica na colina Vaticana. A palavra latina “vati” significa “profeta” ou “adivinho”. Noutros tempos, houve ali um oráculo dos etruscos.

“No meio de muitos outros túmulos encontra também S. Pedro o lugar do seu repouso. Santo Anacleto, que tinha recebido de S. Pedro a ordenação sacerdotal e foi o terceiro bispo de Roma, construiu sobre o túmulo do Apóstolo o primeiro santuário. Todos os que por ali passavam podiam .ver o troféu na colina. “Vai a Vaticano e, na rua de Óstia, encontrarás os troféus do fundador da Igreja de Roma”, escrevia no século III o sacerdote Caio.

“Embora não deixasse de oferecer os seus perigos o ser-se surpreendido naquele lugar, os cristãos escolheram como ponto de reunião, desde o princípio, o túmulo do Apóstolo. As actas de S. Sebastião demonstram que Santa Zoa foi ali presa e supliciada. Muitos outros peregrinos, vindos de outros países, chegaram mais tarde, secretamente, a Roma, como S. Márcio, sua mulher e filhos, vindos no ano de 269 da antiga Pérsia, e S. Mauro, no ano de 284, da África.

“Só no reinado de Constantino (306-337), o primeiro imperador cristão de Roma, findam os sofrimentos e as perseguições. Constantino autoriza o papa Silvestre I a construir uma grande igreja sobre a sepultura de S. Pedro e dos primeiros papas, junto à via Cornélia. O túmulo de S. Pedro não mudou de lugar e por cima dele levanta-se o altar-mór. As pedras utilizadas na sua construção são as do antigo circo de Calígula. O muro do lado norte da arena serve de alicerce para o novo templo, cuja parte meridional chega até ao necário das lutas.

“(…) “S. Pedro está sepultado numa igreja que desde tempos antigos se chamava o Vaticano. O seu túmulo, situado debaixo do altar, raras vezes é visitado. No entanto, se alguém deseja fazer nele as suas orações, abrem-se as grades que rodeiam o altar. Entra-se passando por cima do túmulo e, depois de aberta uma pequena janela, introduz-se a cabeça por ela e fazem-se as súplicas e as petições.”

“O túmulo de S. Pedro, ao que parece, foi, com o tempo, inteiramente rodeado de paredes para ser preservado das profanações do mundo exterior em tempos de revolução. O certo é que a sua situação desapareceu dos documentos históricos e nenhuma descrição daquela época faz menção dele.

“(…) Quando em 1589 o arquitecto Giacomo della Porta se ocupa em trabalhos relacionados com o túmulo do apóstolo, abre-se de repente uma grande brecha no solo, pondo a descoberto uma abóbada. Ao conhecerem a notícia, o papa Clamente VIII e três cardeais ocorrem logo e, à luz incerta de uma tocha, examinam aquele lugar. No espaço abobodado há uma cruz de ouro do tamanho de um homem. Segundo a tradição, o imperador Constantino e sua mãe Santa Helena colocaram-na sobre o túmulo de S. Pedro no ano 326. Na presença de Clemente VIII, procede-se novamente ao tapamento da brecha. Deste facto, nada transpira para o exterior.

“(…) Novamente decorrem mais três séculos. No princípio de 1949, numa homília dirigida aos estudantes romanos, o papa Pio XII afirma que o túmulo de S. Pedro está situado no meio da Basílica de S. Pedro. Os que o ouvem conhecem as lendas antigas, mas ninguém adivinha que Pio XII, ao fazer tal afirmação, se apoia nos últimos resultados da investigação arqueológica! Isto só apenas um pequeno circulo de peritos o sabe.

“A fim de se evitar a possibilidade de um conhecimento prematuro da notícia, todos os que tomaram parte nas escavações juraram guardar segredo. Não devia dar-se publicidade ao facto, antes de se saber, com absoluta segurança, apoiada na aprovação de técnicos internacionais, que não podia existir a menor dúvida sobre a importância real dos achados feitos debaixo da cúpula de S. Pedro.

“O túmulo de S. Pedro teria sido encontrado, na verdade? – diz a voz do papa numa mensagem radiodifundida a 23 de Dezembro de 1950, que chega através do espaço aos ouvidos do mundo.

“Sim! – responde o mesmo.

“(...) Foi extraordinária a luz projectada pelo conhecimento dos difíceis trabalhos de construção que tiveram de levar-se a cabo, sob o imperador Constantino, para manter o nível do solo da antiga basílica de cinco naves à mesma altura do túmulo de S. Pedro.

“(...) Sete metros abaixo do solo da basílica de S. Pedro, as pás, manejadas com todo o cuidado, descobrem uma sepultura debaixo do altar-mor. Aquele espaço parece-se aos pequenos masuléus conhecidos por outras construções funerárias de Roma. Mas, neste caso, está revestidos de mosaicos cristãos. Um deles representa um pescador com um anzol (Pedro); outro, o Bom Pastor; e outro, Jonas, ao ser tragado pela baleia.

“No solo e nas paredes, os peregrinos dos séculos I e II deixaram as suas lembranças. Umhas vezes são toscas placas de mármore; outras, tabuinhas votivas com inscrições com o texto: ‘S. Pedro, roga por nós’, ou como esta: ‘Pedro, intercede pelas nossas necessidades’. Moedas da Germânia, das Gálias, das terras do Danúbio e do Oriente eslavo, da Bretanha e das terras alpinas andam espalhadas por ali. É evidente que são esmolas para o culto do sepulcro.

“Num muro, ao que parece levantado com precipitação, os investigadores descobrem por fim uma coluna. Sobre o túmulo do Apóstolo, na vertente da colina Vaticana, deve ter havido um ‘troféu’. Esta coluna deve ser um resto dele.

“No dia em que a entrada no túmulo de S. Pedro fica livre, a guarda fecha as portas da Basílica. Pio XII baixa à cripta para contemplar um achado de tamanha importância histórica para a arqueologia cristã.

“Repetidas investigações críticas não deixam lugar a dúvidas sobre a identificação do achado. Todos os pormenores das escavações realizadas, todos os pontos de apoio para determinar a data, são cuidadosamente analisados e relatados na memória intitulada *Esplorazione Sotto la Confessione di San Pietro Vaticano*, de que se imprimiram mil e quinhentos exemplares. E só depois de os técnicos de maior relevo do mundo terem analisado a descrição, o achado se tornou público.(...)”



AS EPÍSTOLAS DE PEDRO

Já no final da sua existência Pedro, sentindo o tempo fugir-lhe em função de tudo o que pensava ter ainda a transmitir, resolveu seguir o exemplo de Paulo e Tiago, escrevendo as suas directrizes e conselhos.

A primeira epístola é escrita em Roma; a segunda, segundo os estudiosos, não terá sido nem escrita por si, nem sequer ditada: terá sido um dos seus companheiros a fazê-lo, assinando com o seu nome para dar uma ênfase maior às recomendações ali grafadas. Os seus historiadores apontam, como autores, Marcos, seu sobrinho, ou Silas., e encontrámos autores afirmando ser costume os interessados conversarem com os escrivãos sobre os assuntos ou temas e a maneira como desejariam fazê-lo e, depois, eles se encarregavam de pôr no papel as ideias que lhes tinham sido transmitidas. Verdade ou não, o caso é que a segunda epístola figura como sendo da autoria do pescador e assim ficará para sempre, entre os cristãos reencarnados.

A este respeito, lemos na obra SOU EU, ditada, ainda pelo Espírito Amélia Rodrigues e psicografada por Divaldo Franco, o seguinte:

“(...) e João, o presbítero, também disse isto: ‘Marcos, sendo o intérprete de Pedro, tudo que registou, escreveu-o com grande exactidão, não, entretanto, na ordem em que foi falado ou feito por nosso Senhor, pois não ouviu ou seguiu nosso Senhor, mas, conforme disse, esteve em companhia de Pedro, que lhe deu tanta instrução quanta necessária, mas não para dar uma história dos discursos de nosso Senhor. Assim, Marcos não errou em nada ao escrever algumas coisas como ele as recordava; pois teve o cuidado de atentar para uma coisa: não deixar de lado nada que tivesse ouvido nem afirmar nada falsamente

nesses relatos.” (In: ‘História Eclesiástica’, de Eusébio de Cesaréia, pgs. 118-119, e transcritos na obra de Divaldo.).

1ª EPÍSTOLA :

1 – **Endereço e Saudação** – 1Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros da Dispersão (*os judeus convertidos ou simplesmente os cristãos que vivem no meio dos pagãos*) : do Ponto, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia, eleitos 2 segundo a presciência de Deus Pai, pela santificação do Espírito, para obedecer a Jesus Cristo e participar da bênção da aspersão do seu sangue. Graça e paz vos sejam concedidas abundantemente.

Introdução. A herança concedida pelo Pai – 3Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, em sua grande misericórdia, nos gerou de novo, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, 4para uma esperança viva, para uma herança incorruptível, imaculada e imarcescível; reservada nos céus para vós, 5os que, mediante a fé, fostes guardados pelo poder de Deus para a salvação prestes a revelar-se no tempo do fim.

Amor e fidelidade para com Cristo – 6Nisso deveis alegrar-vos, ainda que agora, se necessário, sejais contristados por um pouco de tempo, em virtude de várias provações, 7a fim de que a autenticidade comprovada da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, cuja genuinidade é provada pelo fogo, alcance louvor, glória e honra por ocasião da Revelação de Jesus Cristo. 8A ele, embora não o tenhais visto, amais; nele, apesar de o não terdes visto, mas crendo, vos rejubilais com uma alegria inefável e gloriosa, 9pois que alcançais o fim da vossa fé, a saber, a salvação das vossas almas.

A revelação profética do Espírito – 10A respeito dessa salvação investigaram e pesquisaram os profetas que profetizavam a respeito da graça que vos era destinada, 11procurando saber a que tempo e a que circunstâncias se referia o Espírito de Cristo, que estava neles, ao prenunciar os sofrimentos que haviam de sobrevir a Cristo e as glórias que viriam após. 12A eles vos foi revelado que não para si mesmo, mas para vós, exerciam esse ministério, que agora vos foi anunciado por aqueles que vos pregam o evangelho pelo Espírito Santo enviado do céu, e ao qual os anjos desejam ardentemente perscrutar.

Requisitos da vida nova. Santidade do neófito – 13Por isso, com prontidão de espírito, sede sóbrios e ponde toda a vossa esperança na graça que vos será trazida por ocasião da Revelação de Jesus Cristo. 14Como filhos obedientes, não consentais em modelar a vossa vida de acordo com as paixões de outrora, do tempo da vossa ignorância. 15Antes, como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também vós santos em todo o vosso comportamento, 16porque está escrito : *Sede santos, porque eu sou santo.*

17E se chamais Pai àquele que com imparcialidade julga a cada um de acordo com as suas obras, portai-vos com temor durante o tempo do vosso exílio. 18Pois sabeis que não foi com coisas perecíveis, isto é, com *prata* ou com *ouro*, que fostes *resgatados* da vida fútil que herdastes dos vossos pais, 19mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeitos e sem mácula, 20conhecido antes da fundação do mundo, mas manifestado, no fim dos tempos, por causa de vós. 21Por ele, vós crestes em Deus, que o ressuscitou dos

mortos e lhe deu a glória, de modo que a vossa fé e a vossa esperança estivessem postas em Deus.

A regeneração pela Palavra – ²²Pela obediência à verdade purificastes as vossas almas para praticardes um amor fraternal sem hipocrisia. Amai-vos uns aos outros ardorosamente e com coração puro. ²³Fostes regenerados, não de uma semente corruptível, mas incorruptível, mediante a Palavra viva de Deus, a qual permanece para sempre. ²⁴Com efeito,

*Toda a carne é como erva
E toda a sua glória como a flor da erva.
Secou-se a erva e a sua flor caiu;
Mas a Palavra do Senhor permanece para sempre.*

Ora, é esta a Palavra que vos foi anunciada no evangelho.

² – ¹Portanto, rejeitando toda a maldade, toda a mentira, todas as formas de hipocrisia e de inveja e de maledicência, ²desejai, como crianças recém-nascidas, o leite não adulterado da palavra, a fim de que por ele cresçais para a salvação, ³já que *provaste que o Senhor é bondoso*.

O novo sacerdócio – ⁴Chegai-vos a ele, a pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa. ⁵Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos em um edifício espiritual, dedikai-vos a um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo. ⁶Com efeito, nas Escrituras se lê: *Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; quem nela crê, não será confundido*.

⁷Isto é, para vós que credes ela será um tesouro precioso, mas para os que não crêem, *a pedra que os edificadores rejeitaram, essa tornou-se a pedra angular, suma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair*. Eles tropeçam porque não crêem na Palavra, para o que também foram destinados.

⁹Mas vós sois *uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade*, a fim de que proclaméis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa, ¹⁰vós que outrora *.não éreis povo*, mas agora sois o Povo de Deus, *que não tínheis alcançado misericórdia*, mas agora *alcançastes misericórdia*.

Deveres dos cristãos : entre os gentios – ¹¹Amados, exorto-vos, como a *peregrinos e forasteiros* neste mundo, a que vos abstenhais dos desejos carnis que promovem guerra contra a alma. ¹²Seja bom o vosso comportamento entre os gentios, para que, mesmo que falem mal de vós, como se fossem malfeitores, vendo as vossas boas obras glorifiquem a Deus, no dia da Visitação.

Para com as autoridades – ¹³Sujeitai-vos a toda a instituição humana por causa do Senhor, ¹⁴seja ao rei como soberano, seja aos governadores, como enviados seus para a punição dos malfeitores e para o louvor dos que fazem o bem, ¹⁵pois esta é a vontade de Deus que, fazendo o bem, tapeis a boca à ignorância dos insensatos. ¹⁶Comportai-vos como homens

livres, não usando a liberdade como cobertura para o mal, mas como servos de Deus.
17Honrai a todos, amai os irmãos, temei a Deus, tributai honra ao rei.

Para com os senhores exigentes – 18Vós, criados, sujeitai-vos, com todo o respeito, aos vossos senhores, não só aos bons e razoáveis, mas também aos perversos. 19É louvável que alguém suporte aflições, sofrendo injustamente por amor de Deus. 20Mas que glória há em suportar com paciência, se sois esbofeteados por terdes errado? Ao contrário, se, fazendo o bem, sois pacientes no sofrimento, isto sim constitui uma acção louvável diante de Deus. 21Com efeito, para isto é que fostes chamados, pois que

Também Cristo sofreu por vós,
Deixando-vos um exemplo,
A fim de que sigais seus passos.
22Ele não cometeu nenhum pecado;
Mentira nenhuma foi achada em sua boca.
23Quando injuriado, não revidava;
Ao sofrer, não ameaçava,
Antes, punha a sua causa nas mãos daquele
Que julga com justiça.
24Sobre o madeiro, *levou os nossos pecados*
Em seu próprio corpo,
A fim de que, mortos para os nossos pecados,
Vivêssemos para a justiça.
Por suas feridas fostes curados,
25Pois estáveis *desgarrados como ovelhas,*
Mas agora retornastes ao Pastor
E Supervisor das vossas almas.

3 – ***No casamento*** – 1da mesma maneira vós, mulheres, sujeitai-vos aos vossos maridos, para que, ainda quando alguns não creiam na Palavra, sejam conquistados sem palavras, pelo comportamento de suas mulheres, 2ao observarem o vosso comportamento casto e respeitoso. 3Não consista o vosso adorno em exterioridades, como no trançado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, nem no trajar vestes finas, 4mas nas qualidades pessoais internas, isto é, na incorruptibilidade de um espírito manso e tranquilo, que é coisa preciosa diante de Deus. 5Com efeito, era assim que as santas mulheres de outrora, que punham a sua esperança em Deus, se adornavam, estando sujeitas aos seus próprios maridos. 6É o que vemos em Sara, que foi obediente a Abraão, chamando-lhe senhor. Dela vos tornareis filhas, se praticardes o bem e não vos deixardes dominar pelo medo.

7Do mesmo modo vós, maridos, sede compreensivos em vossa vida conjugal, tributando às vossas esposas a honra devida a companheiras de constituição mais delicada, co-herdeiras da graça da Vida, para evitar que as vossas orações fiquem sem resposta.

Entre irmãos – 8Finalmente, sede todos unânimes, compassivos, cheios de amor fraternal, misericordiosos e humildes de espírito. 9Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria; ao contrário, bendizei, porque para isto fostes chamados, isto é, para serdes herdeiros da bênção. 10Com efeito,
Aquele que ama a vida e deseja ver dias felizes,
Guarde a sua língua do mal

*E os seus lábios de proferir mentiras;
11Afasto-se do mal e pratique o bem;
Busque a paz e siga-a;
12Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos
E os seus ouvidos estão atentos à sua prece,
Mas o rosto do Senhor se volta contra os que praticam o mal.*

Na perseguição – 13E quem vos há de fazer mal, se sois zelosos e bons? 14Mas se sofreis por causa da justiça, bem aventurados sois! *Não tenhais medo nenhum deles, nem fideis conturbados*; 15antes, *santificai* a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede; 16fazei-o, porém, com mansidão e respeito, conservando a vossa boa consciência, para que, se em alguma coisa sois difamados, sejam confundidos aqueles que ultrajam o vosso bom comportamento em Cristo, 17pois será melhor que sofraís – se esta é a vontade de Deus – por praticardes o bem do que praticando o mal.

4 – ressurreição e a descida à mansão dos mortos - 18Com efeito, também Cristo morreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, a fim de vos conduzir a Deus. Morto na carne, foi vivificado no espírito, 19no qual foi também pregar aos espíritos em prisão, 20a saber, aos que foram, incrédulos outrora, nos dias de Noé, quando Deus, em sua longanimidade, contemporizava com eles, enquanto Noé construía a arca, na qual poucas pessoas, isto é, oito, foram salvas por meio da água. 21Aquilo que lhe corresponde é o batismo que agora vos salva, não aquele que consiste em uma remoção da imundície do corpo, mas em um compromisso solene de uma boa consciência para com Deus pela ressurreição de Jesus Cristo, 22que, tendo subido ao céu, está à direita de Deus, estando-lhe sujeitos os anjos, as Dominações e as Potestades. (Nota: designavam-se, assim, os funcionários do governo civil, pelo que Pedro compara, desta maneira, a corte divina com uma corte humana. Nota no rodapé da página da Bíblia, onde se encontra esta transcrição da epístola).

4 - Rompimento com o pecado – 1Pois que Cristo sofreu na carne, deveis também vós munir-vos desta convicção: aquele que sofreu na carne rompeu com o pecado, 2a fim de viver o resto dos seus dias na carne, não mais de acordo com as paixões humanas, mas segundo a vontade de Deus. 3Já é muito que no tempo passado tenhais realizado a vontade dos gentios, levando uma vida de dissoluções, de cobiças, de embriaguez, de glotonerías, de bebedeiras e de idolatrias abomináveis. 4Agora estranham que não vos entregeis à mesma torrente de perdição, e vos cobrem de injúrias, 5mas disto não há de dar contas àquele que está prestes a julgar os vivos e os mortos. 6Eis porque o evangelho foi pregado também aos mortos, a fim de que sejam julgados como os homens na carne, mas vivam no espírito, segundo Deus.

À espera da Parusia – 7O fim de todas as coisas está próximo. Levai, pois, uma vida de auto domínio e de sobriedade, dedicada à oração. 8Acima de tudo, cultivai, com todo o ardor, o amor mútuo, porque o *amor cobre a multidão de pecados*. 9Sede hospitaleiros uns para com os outros, sem murmurar. 10Todos vós, conforme o dom que cada um recebeu, consagrai-vos ao serviço uns dos outros, como bons dispenseiros da multiforme graça de Deus. 11Se alguém fala, faça-o como se pronunciasse palavras de Deus. Alguém presta um

serviço? Faça-o com a capacidade que Deus lhe concedeu, a fim de que em tudo seja Deus glorificado por Jesus Cristo, a quem pertencem a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

Felizes aqueles que sofrem com Cristo – ¹²Amados, não vos alarmeis com o incêndio que lavra entre vós, para a vossa provação, como se algo de estranho vos estivesse acontecendo; ¹³antes, na medida em que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que também na revelação da sua glória possais ter uma alegria transbordante. ¹⁴Bem aventurados sois, se sofreis injúrias por causa do nome do Cristo, porque o Espírito de glória, *o Espírito de Deus repousa sobre vós*. ¹⁵Mas ninguém dentre vós queira sofrer como assassino ou ladrão, ou malfeitor ou como delator, ¹⁶mas, se sofre como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus por esse nome. ¹⁷Com efeito, é tempo de começar o julgamento pela casa de Deus. Ora, se ele começa por nós, qual será o fim dos que se recusam a obedecer ao evangelho de Deus?

*¹⁸Se o justo com dificuldade consegue salvar-se,
Em que situação ficará o ímpio e pecador?*

¹⁹Assim, aqueles que sofrem segundo a vontade de Deus confiam as suas almas ao fiel Criador, dedicando-se à prática do bem.

5 – Admoestações : aos presbíteros – ¹Aos presbíteros que estão entre vós, exorto eu, que sou presbítero como eles e testemunha dos sofrimento de Cristo e participante da glória que há de ser revelada. ²Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não como por coação, mas de livre vontade, como Deus o quer, nem por torpe ganância, mas por devoção, ³nem como senhores daqueles que vos couberam por sorte, mas, antes, como modelos do rebanho. ⁴Assim, quando aparecer o supremo pastor, recebereis a coroa imarcescível da glória.

Aos fiéis – ⁵Do mesmo modo, vós, jovens, sujeitai-vos aos anciãos. Revesti-vos todos de humildade em vossas relações mútuas,

*Porque Deus resiste aos soberbos,
Mas dá graça aos humildes.*

⁶Humilhai-vos sob a poderosa mão de Deus, para que na ocasião própria vos exalte; ⁷lançai sobre ele toda a vossa preocupação, porque é ele que cuida de vós. ⁸Sede sóbrios e vigilantes! Eis que o vosso adversário, o diabo, vos rodeia como um leão a rugir, procurando a quem devorar. ⁹Resisti-lhe, firmes na fé, sabendo que a mesma espécie de sofrimento atinge os vossos irmãos espalhados pelo mundo. ¹⁰Depois de terdes sofrido um pouco, o Deus de toda a graça, aquele que vos chamou para a sua glória eterna em Cristo, vos restaurará, vos firmará, vos fortalecerá e vos tornará inabaláveis. ¹¹A ele seja todo o poder pelos séculos dos séculos! Amém.

Último aviso. Saudações – ¹²Por Silvano, que eu considero irmão fiel, vos escrevi em poucas palavras, exortando-vos e testificando que esta é a verdadeira graça de Deus, na qual deveis permanecer firmes.

¹³A que está em Babilónia, eleita como vós, vos saúda, como também Marcos, o meu filho.

¹⁴Saudai-vos uns aos outros com o ósculo da caridade. A paz esteja com todos vós os que estais em Cristo!



2ª EPÍSTOLA :

1 – **Saudação** – ¹Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que receberam, pela justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo uma fé de valor igual à nossa, ²graça e paz vos sejam abundantemente concedidas pelo conhecimento de nosso Senhor!

A liberalidade de Deus – ³Pois que o seu divino poder nos deu todas as condições necessárias para a vida e para a piedade, mediante o conhecimento daquele que nos chamou pela sua própria glória e virtude. ⁴Por elas nos foram dadas as preciosas e grandíssimas promessas, a fim de que assim vos tornásseis participantes da natureza divina, depois de vos libertardes da corrupção que prevalece no mundo como resultado da concupiscência.

⁵Por isso mesmo, aplicai toda a diligência em juntar à vossa fé a virtude, à virtude o conhecimento, ⁶ao conhecimento o auto domínio, ao auto domínio a perseverança, à perseverança a piedade, ⁷à piedade o amor fraternal e ao amor fraternal a caridade.⁸Com efeito, se possuídes essas virtudes em abundância, elas não permitirão que sejais inúteis nem infrutíferos no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁹Mas aquele que não as possui, é um cego, um míope: está esquecido da purificação dos seus pecados de outrora. ¹⁰Por isso mesmo, irmãos, procurai com mais diligência consolidar a vossa vocação e eleição, pois, agindo desse modo, não tropeçareis jamais; ¹¹antes, assim é que vos será outorgada generosa entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

O testemunho apostólico – ¹²Eis porque hei-de trazer-vos sempre à memória estas coisas, embora já as saibais e estejais firmes na verdade que alcançastes. ¹³Entendo que é justo despertar-vos com as minhas admoestações, enquanto estou nesta tenda terrena, ¹⁴sabendo que em breve hei de despojar-me dela, como, aliás, nosso Senhor Jesus Cristo me revelou. ¹⁵Assim, farei tudo para que, depois da minha partida, vos lembreis sempre delas.

¹⁶Com efeito, não foi seguindo fábulas subtis, mas por termos sido testemunhas oculares da sua majestade, que vos demos a conhecer a poder e a Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. ¹⁷Pois Ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando uma voz vinda da sua Glória lhe disse : “Este é o meu filho amado, em que me comprazo.” ¹⁸Esta voz, nós a ouvimos quando lhe foi dirigida do céu, ao estarmos com ele no monte santo.

A palavra profética – ¹⁹Temos, porém, por mais firme a palavra dos profetas, à qual fazeis bem em recorrer como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d’alva em nossos corações. ²⁰Antes de mais nada, sabeis isto: que nenhuma profecia da Escritura resulta de uma interpretação particular, ²¹pois que a profecia jamais veio por vontade humana, mas os homens, impelidos pelo Espírito Santo, falaram da parte de Deus.

2 Os falsos doutores – ¹Houve, contudo, também falsos profetas no seio do povo, como haverá entre vós falsos mestres, os quais trarão heresias perniciosas, negando o Senhor que os resgatou e trazendo sobre si repentina destruição. ²Muitos seguirão as suas doutrinas

dissolutas e, por causa deles, o caminho da verdade cairá em descrédito. ³Por avareza, procurarão, com discursos fingidos, fazer de vós objecto de negócios; mas seu pagamento há muito está em acção e a sua destruição não tarda.

As lições do passado – ⁴Com efeito, se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas lançou-os nos abismos tenebrosos do Tártaro, onde estão guardados à espera do Julgamento, ⁵nem poupou o mundo antigo, mas, ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios, preservou apenas 8 pessoas, entre as quais Noé, o arauto da justiça, ⁶e se, como exemplo do que havia de sobrevir aos ímpios, condenou à destruição as cidades de Sodoma e de Gomorra, reduzindo-a as cinzas, ⁷enquanto livrou o justo Ló, deprimido com o comportamento dissoluto daqueles perversos – ⁸porque esse justo, que morava entre eles, afligia diariamente a sua alma justa com as obras iníquas que via e ouvia – ⁹é certamente porque o Senhor sabe libertar os piedosos da tentação e reservar os injustos sob castigo à espera do dia do Julgamento, ¹⁰sobretudo aqueles que seguem a carne, entregando-se a paixões imundas, e que desprezam a autoridade do Senhor.

O castigo vindouro – Atrevidos, presunçosos, não hesitam em blasfemar contra as Glórias, ¹¹ao passo que os anjos, embora superiores em força e poder, não pronunciam contra elas um julgamento blasfemo na presença do Senhor. ¹²Estes, porém, como animais irracionais, destinados por natureza à prisão e à morte, injuriando aquilo que ignoram, perecerão da mesma morte, ¹³sofrendo injustiça como salário da sua injustiça. Eles julgam uma delícia o prazer do dia; homens impuros e pervertidos, deleitam-se na sua volúpia, quando se banqueteiam convosco. ¹⁴Têm os olhos cheios de adultério e insaciáveis de pecado, procurando seduzir as almas vacilantes; o seu coração está treinado para a ambição. São uns seres malditos! ¹⁵Deixando o homem recto, desviaram-se e seguiram o caminho de Balaão, filho de Bosor, o qual se deixou levar por uma recompensa injusta, ¹⁶mas foi repreendido por sua maldade. De facto, uma besta muda, falando com voz humana, conteve a loucura do profeta.

¹⁷Esses homens são como fontes sem água e nuvens levadas por um vento tempestuoso; a eles está reservada a escuridão das trevas. ¹⁸Falando jactanciosamente de coisas fúteis, procuram seduzir com as concupiscências da carne e dissoluções aquelas que apenas conseguiram fugir da companhia dos que vivem desgarrados, ¹⁹prometendo-lhes a liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois cada um é escravo daquele que o vence. ²⁰Com efeito, se, depois de fugir às imundícies do mundo pelo conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de novo são seduzidos e se deixam vencer por elas, o seu último estado se torna pior do que o primeiro. ²¹Assim, melhor lhes fora não terem conhecido o caminho da justiça do que, após tê-lo conhecido, desviarem-se do santo mandamento que lhes foi confiado. ²²Cumpriu-se neles a verdade do provérbio: *O cão voltou ao seu próprio vômito*, e: “A porca lavada torno a revolver-se na lama.”

3 O dia do Senhor: os profetas e os apóstolos – ¹Amados, esta já é a segunda carta que vos escrevo, procurando em ambas despertar o vosso pensamento sadio com algumas admoestações, ²a fim de vos trazer à memória as palavras preditas pelos santos profetas e o mandamento dos vossos apóstolos, a eles confiado pelo Senhor e Salvador.

Os falsos doutores – ³Antes de mais nada, deveis saber que nos últimos dias virão escarnecedores com os seus escárnios e levando uma vida desenfreada, de acordo com as suas próprias concupiscências. ⁴O seu tema será: “Em que ficou a promessa da sua vinda? De facto, desde que os pais morreram, tudo continua como desde o princípio da criação!” ⁵Mas eles fingem não perceber que existiram outrora céus e Terra, esta tirada da água, e estabelecida no meio da água pela palavra de Deus, ⁶e que por essas mesmas causas o mundo de então pereceu, submergido pela água. ⁷Ora, os céus e a Terra de agora estão reservados pela mesma Palavra ao fogo, aguardando o dia do Julgamento e da destruição dos homens ímpios.

⁸Há, contudo, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: é que para o Senhor um dia é como mil anos e *mil anos como um dia*. ⁹O Senhor não tarda a cumprir a sua promessa, como pensam alguns, entendendo que há demora; o que ele está é usando de paciência convosco, porque não quer que ninguém se perca, mas que todos venham a converter-se. ¹⁰O Dia do Senhor chegará como ladrão e então os céus se desfarão com estrondo, os elementos, devorados pelas chamas, se dissolverão e a Terra, juntamente com as suas obras, será consumida.

Novo apelo à santidade. Doxologia – ¹¹Se todo este mundo está fadado a desfazer-se assim, qual não deve ser a santidade do vosso viver e da vossa piedade, ¹²enquanto esperais e apressais a vinda do Dia de Deus, no qual os céus, ardendo em chamas, se dissolverão e os elementos, consumidos pelo fogo, se fundirão? ¹³O que nós esperamos, conforme a sua promessa, são novos céus e nova Terra, onde habitará a justiça.

¹⁴Assim, visto que tendes esta esperança, esforçai-vos arduamente para que ele vos encontre em paz, vivendo uma vida sem mácula e irrepreensível. ¹⁵Considerai a longanimidade de nosso Senhor como a nossa salvação, conforme também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada. ¹⁶Isto mesmo faz ele em todas as suas cartas, ao falar nelas desse tema. É verdade que em suas cartas se encontram alguns pontos difíceis de entender, que os ignorantes e vacilantes torcem, como fazem com as demais Escrituras, para a sua própria perdição.

¹⁷Vós, portanto, amados, sabendo-o de antemão, precavei-vos, para não suceder que, levados pelo engano desses ímpios, venhais a cair da vossa firmeza. ¹⁸Crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória agora e até o dia da eternidade. Amem.

(Estas duas Epístolas foram transcritas da **BÍBLIA DE JERUSÁLEM**,
Edição Paulinas, S. Paulo – Brasil, 1986).



BIBLIOGRAFIA (por ordem alfabética):

- AMBRÓSIO, Santo** : Sermão de Santo Ambrósio, séc. IV;
- ÂNGELIS, Joanna** (Espírito): GARIMPOS DE AMOR, médium Divaldo P. Franco – Br.
SENDAS LUMINOSAS, Divaldo P. Franco – Br.
- ATOS DOS APÓSTOLOS** – Bíblia de Jerusalém, ed. Paulinas;
- ÁUREO** (Espírito): UNIVERSO E VIDA, MÉDIUM Hernâni de Sant’Ana – Br.;
- BARBOSA, Celso Aloísio S.** : PEDRO DE BETSAIDA, Br.;
- CAMPOS, Humberto de**: BOA NOVA, médium Francisco Cândido Xavier, Br.;
- CESAREIA Eusébio** : HISTÓRIA ECLESIÁSTICA (ref^a Divaldo P. Franco);
- EMMANUEL**, (Espírito): CAMINHO, VERDADE E VIDA, méd. Francisco C. Xavier;
- EVANGELHOS GNÓSTICOS**, Biblioteca Nag Hammadi;
- KARDEC, Allan** : EVANGELHO S/ESPIRITISMO, ed. portuguesa – CEPC;
- KELLER, Werner** : A BÍBLIA TINHA RAZÃO, trad. Brasileira;
- MIRANDA, Hermínio Correia de** : O EVANGELHO DE TOMÉ, ed. brasileira
- PIRES, José Herculano** : REVISÃO DO CRISTIANISMO, CAP. III.
- RODRIGUES, Amélia** (Espírito): HÁ FLORES NO CAMINHO, méd. Divaldo P. Franco;
LUZ NO MUNDO, méd. Divaldo P. Franco, Br.;
- PELOS CAMINHOS DE DEUS, méd. Divaldo Franco;
- SOU EU, méd. Divaldo Franco, Br.;
- TRIGO DE DEUS, méd. Divaldo Franco, Br.;
- ROHDEN, Huberto** : JESUS, O NAZARENO, Br.;
- SCHUTEL, Cairbar**: VIDAS E ATOS DOS APÓSTOLOS, Br.;
- X, Irmão** . ESTANTE DA VIDA, Brasil;
- WALSH, William Thomas**: SÃO PEDRO, O APÓSTOLO, Portugal

M. VASCONCELOS

Lisboa, Agosto de 2009